

# A Hora da Largada

Nenhum outro presidente contou antes com uma soma de circunstâncias tão favorável para o exercício do poder como Fernando Henrique Cardoso: O resultado das eleições para governador deu ao seu partido, o PSDB, o controle dos três mais importantes estados da federação, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, estados que produzem quase 60% da riqueza nacional e cerca de 70% da produção industrial do Brasil.

O conjunto dos aliados do presidente eleito representa no total 80% do eleitorado e expressam o peso de 90% do PIB nacional. Este quadro propicia a formação de uma base de sustentação consistente no Congresso que possibilitará a implementação de urgentes reformas constitucionais.

A rigor não há indício de oposição impenitente a Fernando Henrique. O presidente eleito ajudou a vitória do petista Victor Buaiz no Espírito Santo, mantém relações cordiais com o ex-reitor da Universidade de Brasília, Cristóvam Buarque, também do PT, e com o pernambucano Miguel Arraes, do PSB, este último um ex-companheiro de exílio. Sem dizer que Lula subiu no palanque de Mário Covas, no segundo turno.

As vantagens em relação à vitória de Fernando Collor, em 1989, são enormes. Ao contrário da eleição anterior, esta não teve caráter plebiscitário, não cindiu o país em posições inconciliáveis, não acirrou ódios, não deixou ressentimentos nem as equívocas provocadas por ataques pessoais.

Collor chegou ao poder trocando pesadas acusações com seu antecessor imediato, cavalgando carismaticamente uma legenda de fantasia, exibindo hostilidade ao Congresso e à classe intelectual. Fernando Henrique

está afinado com Itamar, apoia-se numa sólida coligação partidária, é parlamentar com vocação de negociador, além de intelectual mundialmente respeitado.

Mais importante ainda: o arbitrário Plano Collor foi simultaneamente uma violência — o confisco de surpresa foi tão traumatizante que o *Wall Street Journal* o chamou de “stalinismo de mercado” — e uma traição às promessas de campanha do candidato.

O Plano Real foi lançado bem antes desta eleição, sem choques, negociado democraticamente com o Congresso. Se Fernando Henrique veio a ser o candidato bem-sucedido do Real foi porque o eleitor percebeu que o Real precisava de Fernando Henrique para se completar. Sua eleição consagradorá teve o sabor da confirmação e traz a promessa da continuidade. Acrescente-se a isso, finalmente, a existência de uma equipe econômica já montada e azeitada, e condições econômicas nacionais e internacionais muito mais favoráveis hoje do que em 1989, e se terá arrolado um elenco considerável de trunfos para o exercício da presidência.

Por isso tudo, são enormes as responsabilidades de Fernando Henrique Cardoso. A confiança depositada no novo presidente é proporcional à esperança que ele soube despertar. Mesmo sem subir em palanques no segundo turno das eleições, ele foi padrinho de vários vitoriosos apenas por ter manifestado preferências em nome da governabilidade.

A menos de 45 dias de sua posse, não há mais espaço para hesitações nem tergiversações. O novo presidente precisa mostrar rapidamente que tem noção exata das prioridades e atacá-las com determinação e energia. Seus primeiros 100 dias são decisivos e não podem ser desperdiçados.